

A popularidade de Volodymyr Zelensky



Por **HUGO DIONÍSIO***

Desculpar Zelensky pelo funcionamento degradante do estado ucraniano, mais do que desconsiderar a sua culpa e a própria democracia, consiste em obscurecer o sofrimento daqueles que ele todos os dias condena à guerra

[Os dados recentemente divulgados](#) pelo Centro de Sondagens Razumkov, para o período de fevereiro-março de 2025, revelam um fenômeno político intrigante: os ucranianos, aparente e tendencialmente, continuam a confiar no presidente Volodymyr Zelensky, contudo, tendem a desconfiar profundamente do governo, do parlamento, da polícia e até do próprio Estado – na maioria dos casos de forma massiva. Esta dicotomia sugere uma estratégia eficaz de “vitimização seletiva” – em que o presidente é retratado (e caracterizado) como um líder que luta contra um sistema disfuncional, intrinsecamente corrupto, escapando assim ao escrutínio que recai sobre outras instituições.

São vários os métodos utilizados para o conseguir, mas nenhum deles oculto ou imperceptível. Tudo é feito às claras, quer dentro da própria Ucrânia, através da comunicação emanada da própria presidência e dos órgãos de comunicação social *mainstream*, muitos [financiados pela Usaid](#) e outras organizações ocidentais, mas também através da comunicação que entra para dentro do país através dos órgãos de comunicação ocidentais, reportando peças informativas e comunicações provenientes das instituições governativas patrocinadoras do regime de Kiev. Trata-se de uma estratégia comunicacional interdependente, a qual visa legitimar o regime de Kiev aos olhos de ucranianos e povos europeus, encerrando ambos numa bolha narrativa fechada e sem crítica ou contradição externa relevantes.

O fato é que esta estratégia é tremendamente eficaz e visa provocar uma dissociação entre o “líder” e as restantes instituições, mostrando os dados da referida sondagem que Volodymyr Zelensky mantém uma elevada aprovação, em torno dos 57,5% (entre os que confiam totalmente (17,3%) e os que tendem a confiar (40,2%)), ao passo que o Parlamento (com um total de 17,8%) e o governo (com um total de 22,5%) raramente ultrapassam 20 a 30% de confiança, tomando em consideração as sondagens de períodos anteriores.

Como que a deixar antever que tipo de regime está instituído na Ucrânia dos nossos dias, quem também é poupado à desgraça, deixando denotar a eficácia da propaganda de guerra e a necessidade de manter uma economia belicista, são as Forças Armadas e os voluntários (leiam-se “mercenários estrangeiros ou nacionais”), obtendo um nível de confiança acima dos 80%, em contraste direto com as instituições civis e supostamente “democráticas”. Para um Estado que se afirma como a última barreira da democracia face à autocracia, a desconfiança avassaladora para com as instituições democráticas, não é lá grande cartão de visita.

Para mais, quando o presidente tem o seu mandato caducado e quando questionados os inquiridos sobre a necessidade de eleições, apenas 22% tendem a referir as mesmas como necessárias. Ou seja, um sistema “democrático” cujo “povo” valoriza um presidente com mandato caducado, não pretende eleições e desvaloriza as instituições civis do país.

Mesmo as instituições do poder local, os tribunais, a polícia, o ministério público, não passam no crivo da confiança. Com

a terra é redonda

exceção do presidente, as instituições militares ou militarizadas (antes grupos nazis como Azov e outros), a Igreja e os serviços de segurança (SBU), todos os outros raramente escapam a uma imagem tremendamente negativa e nenhum deles atinge níveis elevados de confiança, muito superiores a uns meros 50%.

A própria *mass media* ucraniana não escapa à avaliação negativa, com 41,2% de inquiridos que dizem tender a acreditar ou acreditar totalmente neste serviço. É como se o povo ucraniano fosse levado a culpar-se a si próprio (professores, políticos, polícias, funcionários públicos, jornalistas...), como forma de fazer sobressair a santidade daqueles que, de facto, o governam. Toda a base e camadas intermédias da população são levadas ao autosacrifício como forma de preservar a vida da cúpula.

Este *trade-off*, ao abrigo do qual o povo ucraniano se responsabiliza por tudo o que falha, desculpando a cúpula pela desgraça em que vive, inclusive premiando ações que o condenam à morte, deixa-nos desconcertados perante as explicações que pode suscitar: ou o estado ucraniano não é uma democracia, na medida em que mantém uma cúpula irresponsável, incapaz de responder às necessidades populares, fazendo-lhe acreditar que, ainda por cima, a culpa é sua; ou a sondagem do Centro Razumkov não é para ser levada a sério, na medida em que, numa sociedade verdadeiramente democrática, nunca o povo se culparia a si próprio, nomeadamente pelas incapacidades e insuficiências do poder representativo que elege, precisamente, para as ultrapassar. Nessa medida, seja num caso ou no outro, teremos de questionar o verdadeiro papel desempenhado pelo Centro Razumkov.

Independentemente da resposta, estamos, portanto, perante um caso claro de militarismo, autoritarismo e plutocracia, resultante de uma aliança entre as várias facções que compõem a cúpula de poder, composta pela presidência, a qual protege a oligarquia e os seus patrocinadores nacionais e estrangeiros, adicionando-lhe a Igreja, usada para doutrinar, e os serviços de “segurança” para espiar, perseguir e assediar a população.

Aliás, pouco me admirava que os inquiridos tivessem medo de responder a certas questões, com receio de represálias, uma vez que naquele país se vive um clima de intimidação, terror, ameaça e vigilância em massa. O simples falar russo poder originar processos crime, questionar a continuidade da guerra ou criticar o exército e serviços de segurança, a prisão imediata.

São conhecidos os instrumentos utilizados para criar uma narrativa condescendente para com aquele que, afinal, se assume como responsável pelo país. A narrativa de guerra em que Volodymyr Zelensky se posiciona como o “comandante-em-chefe” da resistência, assumindo um vestuário remanescente do revolucionário guerrilheiro do século XX (o que não deixa de constituir uma contradição filosófica profunda, quando adoptado por um sionista, neoliberal, nazi-banderista), enquanto o governo e o parlamento são associados à burocracia e corrupção pré-guerra, é uma das estratégias de comunicação mais comuns. O presidente que defende o país, minado pelos poderes corruptos de uma Ucrânia que persiste em não mudar, apesar da vontade do seu Presidente. Quantas vezes ouvimos Ursula von der Leyen dizer que “a Ucrânia tem de mudar”?

Tal vitimização só é possível porque assistimos a uma centralização do poder político sem paralelo na curta história da Ucrânia, chegando ao ponto de Volodymyr Zelensky ter produzido [uma lei](#) que impediu qualquer responsável por encetar negociações com o lado russo, convencendo tudo e todos, inclusive socorrendo-se de *Think thanks* europeus e norte-americanos (como o caso do CIDOB de Barcelona/Espanha), a prosseguir a estratégia de “fazer a paz através da guerra”.

Essa centralização foi conseguida através da imposição de uma lei marcial e da suspensão de eleições, criando-se desta forma um escudo de emergência, ou um “escudo de guerra”, em que qualquer falha na política pública passou a ser atribuída às limitações da guerra ou à ineficiência de terceiros. Um pouco como se passou nos países da União europeia aquando do *lockdown* do Covid-19, desculpando os governos da sua incompetência e dos danos provocados pelas suas políticas.

De uma forma geral, a estratégia de vitimização que assegura a sobrevivência política de Volodymyr Zelensky assenta em

três pilares retóricos: (i) “Estou a lutar contra um sistema podre”, em que mesmo sendo o chefe de Estado, ele distancia-se das instituições, culpando-as por problemas como corrupção, lentidão ou derrota, como sucede tantas vezes quando responsabiliza alguém pelos avanços russos ou [pelo colapso de forças militares](#); (ii) “A guerra justifica tudo”, permitindo a constante abertura de exceções e mudanças de narrativa adiando reformas ou eleições e transferindo frustrações para “inimigos internos”, como no caso de Poroshenko; (iii) “O Ocidente é lento, mas eu sou o rosto da resistência”, o “[embaixador da liberdade](#)”, em que Volodymyr Zelensky capitaliza a simpatia internacional, enquanto a falha na entrega de armas ou ajuda é atribuída a outros (EUA, União Europeia).

Os dados permitem concluir que existe de fato uma transferência de culpas. Temos o caso da desconfiança seletiva traduzida no facto de 75% dos ucranianos (dados de 2023-24) aprovarem a liderança presidencial na guerra e apenas 23% confiam no Parlamento (Razumkov Centre). Mesmo após o desgaste atual, os dados mais recentes demonstram o mesmo tipo de atitude no público. Existe uma crise de representação, mas afeta sobretudo os partidos políticos, ao invés do presidente, não poupando sequer o partido “servo do povo” que o levou ao poder. Por fim, temos a crise da confiança na ordem e na justiça, com a polícia, os tribunais, o ministério público e as unidades anticorrupção a ficarem pelas ruas da amargura, enquanto o todo poderoso Volodymyr Zelensky é poupado à avaliação negativa.

Este paradoxo, de um presidente todo poderoso que luta contra as forças malignas internas e externas, contra tudo e contra todos, tão grande que não chega a lugar nenhum e tão poderoso que nada logra conseguir, é típico de regimes, como relatado no livro *The politics of dictatorship*. Retirando do mesmo as categorias que constituem o conceito em causa (culto da personalidade, justificativas históricas aliadas à vitimização, alinhamento religioso, responsabilidade seletiva, manipulação dos quadros legais (estados de exceção), campanhas de relações públicas, militarismo, vigilância e inteligência, etc.) rapidamente percebemos que também elas estão presentes no regime de Kiev, um em que os problemas se eternizam, mas se gastam rios de dinheiro em propaganda em torno da santificação das figuras do regime: o Presidente; a Igreja ucraniana; os serviços de “segurança”.

Uma espécie do que Salazar fazia em Portugal com a trilogia Pide, Igreja e Império. Não podemos de falar de um “Deus, Pátria, Família”, porque seria caricato que uma figura que vende o país à Blackrock, sucumbe ao neocolonialismo de Joe Biden e Donald Trump e aposta no *wokismo* como estratégia de propaganda para as juventudes urbanas europeias, se usasse do patriotismo e da família [como símbolos da sua propaganda](#). Volodymyr Zelensky está mais para a farsa, do que para a tragédia, relembrando a máxima atribuída a Engels.

Mas não se pense que o poder e imagem de Volodymyr Zelensky são legitimados apenas a partir de dentro. A União Europeia, NATO e EUA são talvez os maiores responsáveis pela construção do culto da personalidade de Zelensky e a promoção, a partir de fora, de uma imagem santificada do líder do regime de Kiev.

Não apenas o apresentam como líder-símbolo da resistência europeia como lhe dão constante visibilidade em instâncias ocidentais (apresentadas como “internacionais”), consolidando a sua posição como “a voz da Ucrânia”, não apenas para o exterior, mas também para o público ucraniano, tentando estabelecer uma relação fortíssima entre um orgulho nacional recuperado e a figura do seu presidente, que o recupera no estrangeiro, no civilizado ocidente das ilusões, que tanto o valoriza e tão bem o acolhe. Este acolhimento é constantemente acompanhado por uma linguagem emocional, através da qual “líderes” como Ursula von der Leyen ou Charles Michel frequentemente o premeiam com termos como “coragem”, “sacrifício” e “luta pela Europa”, associando Zelensky a valores transcendentais, acima da política tradicional, os tais “valores europeus”.

Em simultâneo, fazem-no apresentando de forma exaustiva a Ucrânia como vítima e o seu presidente como alguém martirizado, mas tremendamente batalhador. A imagem simbólica de “David contra Golias” vem constantemente à fala, minimizando ou omitindo, de forma agressiva, quaisquer reportagens sobre corrupção ou disfunções governamentais na Ucrânia.

Ao invés, optam constantemente por colocar uma tónica no suposto “sofrimento”, privilegiando imagens de Volodymyr

a terra é redonda

Zelensky em cenários bélicos (frentes de batalha, funerais), reforçando a ideia de que ele “partilha os sacrifícios do povo”, ao contrário de políticos tradicionais. Como ouvimos inúmeras vezes da boca de responsáveis políticos ocidentais, estes dizem admirar Volodymyr Zelensky por não ter fugido de Kiev, por ter ficado no país e por nunca se esconder. Contudo, fazem-no sem quaisquer provas de que de facto o fez. O objetivo é claro, visa construir uma imagem infalível, heroica e sobre-humana de um líder que, afinal, está cheio de falhas, desde logo a sua presença nos Pandora Papers.

A União Europeia também opta pelo esquecimento seletivo quando esconde, de forma muito ostensiva, os atos profundamente negativos de Kiev, quer com consequências diretas sobre estados membros da União Europeia, quer sobre os seus povos, como nos casos em que Volodymyr Zelensky sabotou os fornecimentos de gás à Europa via gasoduto de Druzhba, ou, mais recentemente, quando mandou estoirar com a estação de bombeamento de Sudzha, garantindo que a União Europeia não pode receber de gás por essa via, pelo menos nos próximos dois anos e meio.

A quem caberia essa escolha? a Volodymyr Zelensky? às agências de segurança que obscuramente intervêm junto de Kiev, ou aos povos europeus? O mesmo fazem os “líderes” europeus quando o regime de Kiev ataca centrais nucleares como a de Zaporízia ou pratica atentados terroristas [na Rússia ou na África](#). Nestes casos, a União Europeia remete-se ao silêncio, mesmo quando profundamente descredibilizada perante os seus próprios povos e os do sul global.

Nos casos muito pontuais em que os poderes ocidentais fazem ténues críticas sobre a corrupção ou a necessidade de maior escrutínio orçamental, tais críticas são em regra dirigidas ao governo, parlamento ou oligarcas e não ao caducado presidente ucraniano. Este privilégio que assiste Volodymyr Zelensky, em ficar nas sombras, aquando a desgraça – mesmo em termos militares a NATO/ União Europeia tende a culpar-se a [si própria e aos seus](#) – e passar à ribalta quando a estratégia logra algum sucesso, estende-se apenas a ele e, através de si, às forças militares. Todas as outras instituições Ucranianas tendem a ter o tratamento contrário, tendo a ribalta nos insucessos e a obscuridade nos sucessos.

Esta estratégia comunicacional é depois replicada pelos órgãos de comunicação social internos, muito dependentes do financiamento externo, [inclusive da União Europeia](#), atuando de forma que quando a União Europeia elogia Volodymyr Zelensky, a imprensa ucraniana (como a *Ukrainska Pravda*, *Kyiv Independent* ou canais estatais) usa esses discursos como prova de que a liderança dele é reconhecida internacionalmente, desencorajando críticas domésticas.

Outra forma, utilizada para imunizar ou santificar a imagem de Volodymyr Zelensky, está presente quando a comunicação europeia usa frequentemente o contraste entre a “Ucrânia heroica” com a “Rússia agressora”, mas também, subliminarmente, opondo Volodymyr Zelensky (o líder democrata) às elites políticas ucranianas (as “velhas estruturas”). Toda esta comunicação pré-reflexiva, emocional, ecoa na população, justificando a desconfiança no governo e no Parlamento, mas paradoxalmente, em menor extensão, no líder máximo. É como se Zelensky fosse o mais querido dos líderes, como tantas vezes o ocidente gosta de ridicularizar a propósito de outros, bem mais indefesos, desapoiados ou vítimas.

Esta atitude conduz o povo ucraniano a uma armadilha da consciência, uma prisão psicológica, que funciona como uma chantagem. Se a União Europeia trata Volodymyr Zelensky como o único interlocutor válido, os cidadãos ucranianos internalizam a ideia de que questioná-lo pode significar enfraquecer o país perante os aliados—uma narrativa útil em tempos de guerra – fortalecendo os inimigos.

Esta estratégia, como se vê, não dura para sempre. A verdade é que mesmo Volodymyr Zelensky já não conta com os mesmos níveis de aprovação de outrora. Se até há um ano atrás, o caducado presidente ucraniano ainda contava com níveis de aprovação na casa dos 70% (tendo chegado aos 91%), hoje sucede que Zelensky conta apenas com 57,5%, embora 40,2% sejam inquiridos que responderam “tendo a acreditar”.

E não podemos deixar de aqui adicionar, nestes dias de amargura para os centros de sondagens, que o *Razumkov Centre* é financiado pela União Europeia, através do programa [Horizon](#), o que não deixará de ter a sua importância. Todos sabemos como e onde fazer sondagens que tenham um ou outro resultado. Tal técnica não foi inventada nem terá fim na Ucrânia.

a terra é redonda

A fadiga de guerra, causada pela deterioração da situação militar, a conscrição obrigatória e o desespero de mães e esposas pela perda dos seus; a falta de Alternativas, ligadas à ausência de eleições impede a renovação política, mas também cristaliza o descontentamento – que pode explodir numa situação pós-guerra –, o que não deixará de estar nas contas de Kiev e seus promotores.

Como demonstram os casos da Geórgia, Moldávia, Eslováquia, Bulgária, Arménia ou Hungria, os protestos e alterações recentes mostraram que a “cortina de guerra” não dura para sempre e tem os seus efeitos limitados, principalmente quando os problemas se eternizam e as populações vêem, dia a após dia, o degradar das suas condições de vida. Não é segredo para ninguém que as guerras do Império Russo muito contribuíram para a Revolução Bolchevique de 1917.

Mais de 100 anos depois, o ocidente começa claramente a avançar para outro período pré-revolucionário, do qual só se salvarão os que souberem colocar as suas populações em primeiro lugar. Caso contrário, não venham depois atirar com a culpa aos revolucionários e às revoluções, ou à violência latente provocada por décadas de sofrimento constante.

A oligarquia é especialista em diabolizá-las, mas o ato revolucionário não é mais do que a canalização do desespero para a luta, usando essa energia para mudar um mundo que ameaça avançar cada vez, de forma mais acelerada, para o abismo. Nesse dia, escusam de vir atirar com as culpas às vítimas, quando andam hoje constantemente a desculpa os culpados. Para isto já chega a própria Ucrânia.

Este paradoxo da confiança que a Ucrânia vive, não é mais do que o resultado do que o que disse anteriormente. Desculpar Volodymyr Zelensky pelo funcionamento degradante do estado ucraniano, mais do que desconsiderar a sua culpa e a própria democracia, consiste em obscurecer o sofrimento daqueles que ele todos os dias condena à guerra, seja a guerra das armas, seja a árdua luta pela sobrevivência num país por ele condenado.

***Hugo Dionísio** é advogado, analista geopolítico, pesquisador do Gabinete de Estudos da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses (CGTP-IN).

Publicado originalmente no portal [Strategic Culture Foundation](#).

**A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.
Ajude-nos a manter esta ideia.**

[CONTRIBUA](#)